





# Os, recém- casados

## Um amor improvável

POR MARTHA WEINMAN LEAR

NOS ÚLTIMOS TEMPOS temos levado alegria a pessoas completamente estranhas para nós.

Como? Fácil. Nós nos casamos.

Tudo começou assim: num dia muito frio do inverno passado, fomos a um cartório em Manhattan. Albert perguntou ao guarda alto e forte parado à porta onde poderia dar entrada em uns papéis.

- Que tipo de papéis? - o guarda quis saber.

- De casamento - Albert respondeu.

Casamento! O guarda fitou nossos rostos, que claramente eram (e ainda são) de um casal de septuagenários. E pareceu surpreso:

- Vocês vão se casar? Fantástico! - exclamou, agitando no ar gelado o boné que acabara de tirar. E, arrancando uma luva, apertou efusivamente a mão



de Albert. – Ganhei o dia! Ei, Mike, venha cá. Veja isto! Estes dois vão se casar.

Mike também ficou boquiaberto.

Fomos comprar as alianças. A vendedora olhou para Albert, olhou para mim e pareceu meio em dúvida.

– Para... a sua filha? – perguntou, cautelosa.

– Para nós – Albert respondeu.

– Para vocês?! Mas que maravilha!... Helen! Stacy! Ouçam isto!

Helen, que devia andar pela casa dos 40, e Stacy, que parecia uma colegial, também adoraram.

E assim foi. O florista, o fornecedor de vinhos, a doceira que fazia o bolo de nossa cerimônia íntima... estranhos, todos. De início, não conseguimos entender. Por que aquela gente se mobilizava tanto ao saber do casamento de dois desconhecidos?

**P**OUCO TEMPO depois da cerimônia, convidados para uma festa, fomos apresentados a uma moça como “recém-casados”. “Meu Deus!”, ela disse. E, com as mãos junto ao peito e um sorriso sonhador, continuou: “Vocês me fizeram tão feliz que me deu vontade de chorar...” E tinha mesmo os olhos marejados.

Agora entendemos. Como não tínhamos percebido? Na verdade, nada tem a ver conosco (exceto pela nossa aparência, é claro). A questão é com eles mesmos. De algum modo, nosso casamento faz com que se sintam bem acerca das próprias espe-

ranças, que talvez começassem a acreditar impossíveis de se realizar. Especialmente em termos de amor.

Ao conversar com a Dra. Ethel Person, psiquiatra e psicanalista conhecida em Manhattan e nossa amiga de longa data, submeti a ela minha teoria. “Você está certa. Em nosso país, existe uma forte tendência a acreditar que, se alguém não encontrar um companheiro até certa idade, pode perder as esperanças. Ao conhecer um casal como vocês, as pessoas vêem novas possibilidades se abrirem para elas.”

Não é só amor, porém. Estamos falando também de trabalho, amizades, relacionamento com parentes, novas ambições e aventuras – como diz a Dra. Person, “renovação em todos os sentidos”.

Coisa boa, a renovação – em especial quando não se espera. E eu, certamente, não esperava.

Quando Albert surgiu na minha vida, eu já estava viúva fazia muitos anos. Para dizer a verdade, houve outros homens nesses anos. Homens bons, que mereciam ser amados, mas nenhum com quem eu tivesse vontade de compartilhar o resto da vida. Eu tinha aqueles romances agradáveis, meu trabalho, meus amigos queridos. Poderia ter continuado assim sem problemas. Mas vamos encarar os fatos: amor é mais. Amor é maior. Certa noite, fui jantar na casa de amigos. Mesa posta para seis (meu número de convidados preferido para um jantar, o mais favorável, o melhor para a conversa), e o sexto



era justamente aquele desconhecido alto e bonito – esguio, a barba grisalha bem aparada, um tanto austero.

Não foi uma “armação”. Conforme a dona da casa me disse baixinho, ele tinha ficado viúvo recentemente e estava bastante abatido. Os amigos vinham fazendo de tudo para tentar animá-lo.

À mesa, alguém lhe perguntou quanto tempo fazia que tinha perdido a mulher. Oito meses, ele respondeu. De repente, sem qualquer aviso, me vi de volta a quando eu mesma tinha oito meses de viuvez, com todas as lembranças tristes que a idéia me trazia. Perdi o controle. Comecei a chorar – não um pranto contido, mas um choro ruidoso, cheio de dor, do tipo que faz o nariz escorrer copiosamente. Murmurei um pedido de desculpas e saí da sala.

Ele me seguiu. Foi para mim uma surpresa – e ainda é – que um homem tomado pela dor tentasse me dar conforto. Já não me parecia tão austero. Sentou-se a meu lado, ofereceu um lenço, olhou-me nos olhos e disse: “Eu sei, eu sei.”

A ligação que se estabeleceu foi poderosa e instantânea. Quando duas pessoas que passaram pela experiência de perder um ente querido se encontram, têm a impressão de se conhecerem de um modo íntimo, es-

pecial – um modo incompreensível para quem nunca sofreu o mesmo.

Na semana seguinte, ele me telefonou convidando para jantar. Parecia constrangido. (“Lembre-se”, ele disse mais tarde, “de que fazia 40 anos que eu não convidava uma mulher para sair. E se você recusasse?” De minha parte, tinha passado aquela semana interminável pensando: *Droga! Por que será que ele não liga? Será que não quer o lenço de volta?*) A partir da primeira noite em que nos encontramos, porém, ficamos perfeitamente à vontade.

Assim nos tornamos namorados. Depois de um ano resolvemos morar juntos. Meus amigos mais íntimos fizeram uma festa para nós no apartamento do qual eu estava saindo. Festa animada, brindes efusivos. Mas foi somente no inverno passado que decidimos nos casar. Bem, aí é que ficou todo mundo alvoroçado – inclusive o açougueiro, o padeiro, o homem das velas. Todos.

Tenho pensado muito nisso. Quem não se interessa pelo amor? Eu desconfio, porém, que este amor “de segundo tempo” é o que mais agrada, como se chegasse às pessoas de modo mais particular. Observo os olhos brilhantes dos estranhos que nos vêem e penso: *Nós fazemos vocês se sentirem bem? Ótimo. Aproveitem.*

## QUAL O NOME DO FILME?

Um chiclete conheceu uma chicletinha, casaram-se e tiveram vários chicletinhos. Qual o nome do filme?

Resposta: *A família Adams.*